

PRODUTOR: Emissora Nacional ☒

RDP ☐

Nº. de referência: 1

Título: "A TEIA"

Título da Série: MINITEATRO

Autor (obra original): GOUTINHO, CARLOS

Adaptador: ?

Realizador: ?

Locutor: ?

Data de produção: 2/4/1975

Data de Emissão: 7/4/1975

Nº. de Episódios: 1

ACTORES	PERSONAGENS
JOE DE CARVALHO	TABERNEIRO
PEDRO PINHEIRO	PAISANO
BERNILDA GIL	MULHER DO TABERNEIRO

Estado de conservação: Bom ☐

Razoável ☒

Mau ☐

Tipo de Suporte:

Original ☐

Cópia ☒

Registo Sonoro: Sim ☐

Não ☒

Nº do Registo Sonoro:

Opus

(V.S.F.F.)

⇒

Notas:

-DIR. ARTÍSTICA - ROGÉRIO PAULO

Indexação: - TEATRO RADIOFÔNICO



FOLHA DE PRESENCAS

Miniteatro - "A Feia" - C. Bratichko

Referência { N.º/R.P.L. 260
N.º S.P.P. _____

Episódio N.º

Datas

da gravação 2 de Abril
da 1.ª emissão 7 de Abril

de 1975 às 11.00 horas.

de 1975. Programa 12, 30.

Director artístico

Rogério Paulo Referente

ELENCO DO PROGRAMA

[illegible]

Pessoal da Emissora Nacional

Produtor

Locutor

Captação

Gravação

Visto do Chefe da S.P.P.

Lisboa, de

de 196

SERVIÇOS CRIATIVOS

PROGRAMA Nº 260

PROGRAMA

DATA DE ENTRADA 1/1/75

EMIÇÃO DE 14/4/75

PEDIDO DE GRAVAÇÃO

A GRAVAR - Nº 2/4/75

15-15 HORAS

HORA 10 0 0

VISTO

[Handwritten signature]

NÚMERO DE P.D.O.

" A TEIA " DE GRAVAÇÃO

DE CARLOS COUPEIRO

PERSONAGENS:

Taberneiro

Paisano

Mulher do Taberneiro

A taberna está deserta. Curvado sobre uma gaveta do balcão, o taberneiro conta a receita do dia.

Entra um paisano que, antes de se aproximar do balcão, percorre por uns momentos a cena toda com um olhar.

PAISANO- (encostando-se ao balcão) Um brande.

TABERNEIRO- (Servindo-o) - Sim, senhor.

PAISANO - Bem servido.

TABERNEIRO- COMO ?

PAISANO - Bem medido .

TABERNEIRO- Sim senhor . Mais nada ?

PAISANO - Mais nada .

(CURTO SILENCIO)

PAISANO - (esvaziando o cálice dum trago) Outro.

TABERNEIRO-Obedecendo - Sim, senhor.

PAISANO - Que tal vai o negócio ?

TABERNEIRO- Como ?

PAISANO - O negócio ?

TABERNEIRO- Umas vezes melhor, outras vezes pior, lá vai dando para as migas.

PAISANO- Mas há aqui uma fábrica em frente...

TABERNEIRO- É verdade, mas tem cantina para o pessoal. E bar também.

PAISANO - Há sempre muito quem não goste de comer em cantinas.

TABERNEIRO- Isso é verdade, mas em tascas também...

PAISANO - Tem muita gente a fábrica ?

TABERNEIRO - Mais de mil operários .

PAISANO - Que é que fazem ?

TABERNEIRO - Muita coisa. Sabões, adubos, perfumes, sei lá...

PAISANO - (esvaziando o cálice dum trago) - Outro . De quem é a fábrica ?

TABERNEIRO - (obedecendo) -Não sei bem. Parece que é duns estrangeiros.

PAISANO - Americanos ?

TABERNEIRO - Acho que sim .

PAISANO - Bem, a fábrica tem setecentos e trinta operários e duzentos e secenta indivíduos de escritório, administração, etc. E não é de americanos.

TABERNEIRO - Ah, sim ?

PAISANO - Sim, A maioria do capital é nosso.

TABERNEIRO- Eu cá não fazia a menor ideia.

PAISANO - Tem a casa sempre às moscas como agora ?

TABERNEIRO- Não. Até às oito, o pessoal vai parando por aqui. Depois das oito, oito e meia, é que o pessoal começa a debandar e, a esta hora, é o que se vê . Ainda não são dez horas e já cá não tenho ninguém.

PAISANO - Pois é. Mora tudo longe .

TABERNEIRO- Numa redondeza de dois quilómetros não mora vival~~ma~~

PAISANO - E a ^{ma}tasca é a única ? Muito bem. (esvasiando o cálice dum trago) Outro.

TABERNEIRO- (Obedecendo) - Isto já era do meu avô - Nesse tempo chamava-se botequim. Havia povoação e tínhamos uns quintais aqui à volta. Agora é tudo da fábrica. Só conseguimos manter a tasquita.

PAISANO - Manter ?

TABERNEIRO- Sim. A pouco e pouco, fomos obrigados a vender tudo. Eram as dívidas,,, eram as ameaças... Com a vinda da fábrica para aqui, as barracas foram todas ao ar. A malta foi toda viver para outros lados. Depois não havia clientela e o negócio ia de mal a pior. O meu pai foi pedindo dinheiro para se aguentar, mas os credores caíram todos na alçada da fábrica e,, quando o meu pai teve de entregar os quintais, foi para as mãos dos donos da fábrica. Felizmente , agora não deve nada, senão, até a tasquita^{ont} levavam.

PAISANO - E não levam ?

TABERNEIRO- Não. Agora não devo nada. Isto é o meu ganha-pão. Não entrego a tasquita por nada deste mundo.

PAISANO - Tem a certeza ?

TABERNEIRO- Porquê ?

PAISANO - Bem, meu amigo, o país está a industrializar-se. O futuro da industria nacional é o futuro do país. Se a fábrica precisar deste bocadito, depressa se arranja a lei que lho obrigue a vender.

TABERNEIRO- Não me diga!

PAISANO - (esvasiando o cálice dum trago) - Outro. Você andou na tropa. Não andou ?

TABERNEIRO- (Obedecendo) - Andei, sim, senhor.

PAISANO - Lembra-se duns oficiais que se meteram numa intentona, lá no seu quartel.

TABERNEIRO- Lembro. Foram todos presos e deportados para Timor . Nun-

ca mais se soube deles.

PAISANO - Você era cozinheiro. Lembra-se ? Parece que chegou a levar uma caixa de granadas para casa dum major...

TABERNEIRO - Sem saber o que ia na caixa . Ainda sofri um bocado por isso.

PAISANO - Depois ^Narrumaram o assunto.

TABERNEIRO - Eu estava inocente. Nem me chegaram a prender. Estive uns dias com detenção no quartel e só me fizeram dois interrogatórios. O assunto ficou logo arrumado.

PAISANO - Para sempre ?

TABERNEIRO - Para sempre, pois!

PAISANO - Tem a certeza ?

TABERNEIRO - Claro! Já foi há mais de vinte anos!

PAISANO - Lembra-se duma manifestação que houve há três anos ?

TABERNEIRO - Dessas coisas não sei nada. Não me meto nisso.

PAISANO - Então não se lembra daquela manifestação de arruaceiros que foi a S. Bento, quando a guerra acabou ?

TABERNEIRO - Não tenho ideia dessas coisas.

PAISANO - Mas parece que a sua mulher apanhou umas cacetadas dessa vez...

TABERNEIRO - Tinha ido com o meu filho ao médico. Saiu-lhe essa na sorte grande.

PAISANO - Que é que o seu filho faz ali na fábrica ?

TABERNEIRO - É aspirante de contabilidade, como ele diz. Ainda só entrou há ano e meio.

PAISANO - A vida dá muitas voltas, meu amigo. Essa caixa de granadas ainda pode dar que falar. O seu rapaz está sujeito a perder o emprego, sabe? e você pode muito bem ficar sem isto.

TABERNEIRO - Não é possível!

PAISANO - Quanto é que eu devo?

TABERNEIRO - Como ? Nada.

PAISANO - Nada ? Está visto que o negócio vai ^{pendendo...} ~~pendendo...~~

TABERNEIRO - Mas o meu rapaz é trabalhador, É respeitador. É inteligente .

PAISANO - Sim? Ainda bem. Boa noite

(SAI).

TABERNEIRO - Ó senhor....

VOZ DO PAISANO- Boa noite!

Silêncio .. O taberneiro não consegue fazer contas. Encosta-se deprimido ao balcão.

VOZ DE MULHER- Tens a comida ^{fria!} feita!

TABERNEIRO - Já vou!

VOZ DA MULHER- Já sabes que eu não como a comer sem ti!

TABERNEIRO - Rebenta para aí de fome, se quiseres!

(SILÊNCIO)

MULHER (aparecendo) - Que é que te mordeu ?

TABERNEIRO- Nada.

MULHER - Que modos são esses de me falares ?

(SILÊNCIO)

TABERNEIRO- (recolhendo o dinheiro e fechando a gaveta com um pontapé)-Vamos comer.

(Encaram-se em silêncio, mas acabaram por passar à outra dependência.)

(2)

TRÊS NOITES DEPOIS .

A taberna continua deserta. Ao báculo, o taberneiro lava copos e canecas num silêncio duro. A mulher não sabe que fazer nem que posição dar ao corpo. Anda dum ponto para o outro da taberna, intercalando num olhar furtivo para o marido com a observação desatenta dos vários objectos que lhe aparecem à frente dos olhos. De repente assume um ar decidido.

MULHER - Bem, está-me cá a parecer que chegou o momento de termos uma conversa.

TABERNEIRO- Uma conversa ?

MULHER - Esteve cá um homem há três dias que não me agradou nada.

TABERNEIRO- Qual homem ?

MULHER - Não te lembras tu de outra coisa.

TABERNEIRO - Ó mulher, explica-te!

MULHER - Não me berres, que eu não tenho cera nos ouvidos.

TABERNEIRO- Se não queres que eu te berre, não me fales por enigmas.

MULHER - Estás a fazer-te alonso, ou quê ?

TABERNEIRO- Se queres desconversar, é melhor ^{ir} ~~ir~~ tratar das batatinhas, que são quase dez horas.

MULHER - As batatas estão prontas. É só comê-las.

TABERNEIRO- Então vai andando, que eu não demoro.

MULHER - Já que não demoras, eu espero por ti.

TABERNEIRO- Não era nada demais que fosses pondo a mesa.

MULHER - Está posta.

TABERNEIRO- Então podes ir começando a comer, que eu não demoro mesmo nada.

MULHER - Se não demoras nada, vamos os dois. Entretanto podes-me ir dizendo quem era aquele homem que esteve aqui à conversa contigo, antes de anteontem.

TABERNEIRO - Sei tanto como tu.

MULHER - Deves saber muito mais. Não estive aqui, ao pé de vós. Não ouvi quase nada da conversa. E não conheço aquela voz de lado nenhum.

TABERNEIRO- Se, em vez de andares a escutar conversas, te ocupasses a trabalhar nas tuas coisas, não me estavas agora a chagar a braguilha. Sei lá quem era o homem...Era um cliente. Bebeu, pagou e foi-se embora.

MULHER - Pagou? Então estavas a brincar aos disparates com ele? Se bem me lembro, quando ele pediu a conta, tu 'disseste que não era nada.

TABERNEIRO- Isso é mentira! O homem pagou. Eu não disse nada disso. Se disse nada, foi para outra coisa qualquer.

MULHER - (apontando a porta interior)- Eu estava ali, menino. Vi, com estes olhos que a terra há-de comer, como ~~me~~ enchias cálice atrás de cálice. Vi muito bem que ele foi embora sem deixar um tostão.

TABERNEIRO- Então, se viste, é porque não és cega.

MULHER - Nem surda. O homem era da fábrica ?

TABERNEIRO- Não sei.

MULHER - Então que história era aquela do interesse nacional ?

TABERNEIRO- Não sei. Não percebi nada. Se ouviste tantas coisas e és tão esperta, explica-me tu.

MULHER - Essa cantiga é a mesma das outras vezes. Se o figurão cá voltar, quem fala com ele sou eu. Eu explico-lhe o que é o interesse nacional.

TABERNEIRO-A cabeça do casal ainda sou eu. Ou não ?

MULHER - Quando a cabeça do casal não tem cabeça, o casal não tem remédio se não arranjar outra cabeça.

TABERNEIRO- Ah, sim? Onde é que queres chegar ?

MULHER - Estiveste outra vez na batota a noite inteira de sábado. Pensas que eu não tenho quem me diga as coisas? Pois enganas-te. Tenho quem me informe e sei que perdeste um conto e setecentos ao montinho com o veterinário e o tenente da Guarda. E, se a ^{fogaduma} ~~jogatina~~ fosse aqui, como era antigamente, ainda perdias mais. Só levantavas o cu do mocho, quando não houvesse mais um pataco na gaveta. Mas vou-te dizer uma coisa pela primeira e última vez. Já não estou em idade de passar fome. A taberna não hipoteca tu. Nem que eu e o teu filho tenhamos de ir buscar um juiz.

TABERNEIRO-Ó mulher, tu não estás boa da cabeça. ~~Larga-me~~ Larga-me a braguilha, que eu não estou para danças a esta hora.

MULHER - Mas eu estou. A gente não tinha só isto. A gente tinha quintais aqui à roda que hoje valiam rios de dinheiro. Foi-se tudo como vento, porque tu arranjavas dívidas com o jogo dia sim dia não. O teu filho chegou a ir para a escola a pé, debaixo de chuva, porque não havia de - zasseis tostões na gaveta para lhe pagar o ^{comunicado} autocarro. Foi muitas vezes de calças remendadas no cu e nos joelhos para as aulas. Para as aulas, ouviste ? Uma vergonha! E tudo porque sua excelência despejava a gaveta na batota. É ou não é verdade ?

TABERNEIRO-Mas também ganhei muito dinheiro! E as tuas doenças? Quanto é que eu paguei no hospital, quando tu pariste o rapaz? E onde é que havia o dinheiro, se isto não dava nada, por causa da cantina que eles abri-

ram na fábrica ? Tive eu de ir pedi-los ao banco! Quando tu partiste a perna, onde é que havia dez contos e tal? Em lado nenhum! Tive eu de ir pedi-los ao banco! Quando a tua mãe morreu; quem é que lhe pagou o enterro ? Quando o teu irmão foi para a França; quem é que pagou ao passador ?

MULHER - Não me atires com areia para os olhos, que eu não sou fácil de cegar. As custas do meu parto e da minha perna partida e do enterro da minha mãe não valiam a décima parte do quintal da figueira. E tu vendeste os três. Vendeste o da figueira, o do tanque e o do coradoiro. Quanto à despesa do meu irmão, ele pagou-te com juro e não demorou um ano. Se queres saber, então vou dizer-te. É essa a minha maior vergonha. Levaste dez por cento de juro ao meu irmão, porque ele estava com a corda no pescoço e até com o relógio lhe ficaste. O meu Zé tinha quatro filhos com fome e teve de ir ganhar o pão para aquelas bocas em terras do fim do mundo. Isso é que é a minha vergonha, ouviste? Se eu soubesse disso nessa altura, podas ter a certeza de que não eram dez por cento, não! Nem oito, nem seis, nem nada! Era emprestado a seco, que assim é que devia ser. Nem a um estranho eu tinha coragem de pedir um juro desses, quanto mais a uma pessoa da família! Olha, ele está aí. Já chegou anteontem. Foi por ele que eu soube, que tu sempre me encobriste certas negociatas.

TABERNEIRO - Não foi por nada. Nunca veio à conversa.

MULHER - Ficas a saber que ele quer o dinheiro, o dinheiro que, depois, também ele te havia de emprestar. Mas sem juro. Vê tu a diferença...

TABERNEIRO - Agora não lhe posso pagar. Que espere, que eu também esperei muitas vezes.

MULHER - Parece-me bem que ele não quiere esperar. Vai fazer uma casita e todos os tostões que trouxe ~~lhe~~ são poucos. Além disso, sabe a vida em que andas e não se quer...

TABERNEIRO - Que remédio tem ele senão esperar... De pinheiro seco, ninguém saca rezina. Não tenho nem para metade.

MULHER - Mas tem ele as letras e vai pô-las a protesto, se não te abrires dentro de um ou dois meses. Talvez seja a maneira de ele se vingar dos dez por cento. Ou pensas que há algum santo neste mundo capaz de se vingar duma sangria dessas?

TABERNEIRO - Cortava-lhe o pescoço, se ele me pusesse as letras a protesto.

MULHER - Capaz disso eras tũ. Nunca mais me esquece que levei a maior tarefa da minha vida, quatro dias depois de ter parido o meu filho. Se calhar, foi por isso que nunca mais tive nenhum.

TABERNEIRO - Amanhã de manhã, vais dizer ao teu irmão que espere mais uns tempos.

MULHER - Onde é que eu tenho coragem para uma coisa dessas, sabendo ele que tu gastas o que podes e o que não podes na batota?

TABERNEIRO - Há muito tempo que eu não me sento a uma banca.

MULHER - Desde o último sábado.

TABERNEIRO - Nessa noite estive só a ver. Não joguei nem um tostão.

MULHER - Ah, pois não... Não foi um tostão. Foi um conto e setecentos.

TABERNEIRO - Desaparece-me da vista. senão desgraço-te e desgraço-me também a mim.

MULHER - Não tenho medo. Estás enganado. Já não tenho medo. Isso era antigamente. Apanhaste muita borracheira. Não podes com uma gata pelo rabo. Tens as tripas roídas pelo vinho. E os ossos derreados pelas noitadas perdidas na batota. Não tenho medo. Já lá vão os tempos em que eu me calava. Agora, estou até aqui! (Puxa um tufo de cabelo no alto da cabeça.) Tens de me ouvir, sempre que eu veja que tenho razão. Tens de haver-te comigo, sempre que eu veja que as coisas não correm bem. Sabes uma coisa? Gostava de saber que conversa foi essa com o tal homem, que história é essa do interesse nacional. Se é para venderes a tasca, enganas-te. Desta vez não assino. Também aqui tenho metade e a tua assinatura sozinha não vale nada. Tenho cá uma desconfiança que o homem era da fábrica e que nos quer palmar a tasca.

TABERNEIRO - Porque é que o homem havia de ser da fábrica?

MULHER - Porque é que ele disse que o nosso filho podia perder o emprego?

TABERNEIRO - Tu ouves demais.

MULHER- Porque é que ele andou a espiar a tua vida na tropa?

filho, então surtado tudo)
TABERNEIRO- Não ouvi, não. Se tivesse apanhado tudo, não precisava de te fazer estas perguntas. Para beber, não preciso que me as sobriem. Quando ouço uma conversa toda, não preciso de explicações. Tu é que tinhas obrigação de me contar o que se passa. Não era deixar correr três dias e ser eu a tirar os nabos do púcaro. Mas garanto-te uma coisa: se o nosso filho perder o emprego por causa das tuas manigâncias, tens de haver-te comigo! Ai tens, tens, ! Pelo meu filho sou pior que uma fera. Já falaste com o rapaz ?

TABERNEIRO- Já

MULHER - E ele ?

TABERNEIRO- Não deu saída. Mas temo-las tesas, se ele se mete em fedúncias com dezassete anos.

MULHER - Quais fedúncias ?

TABERNEIRO- Sabes tão bem como eu. Foste tu quem atendeu o telefonema esta manhã.

MULHER - O telefonema só perguntava se o rapaz ainda não tinha perdido o emprego e como estava isso do sindicato. Não vejo aqui nenhuma fedúncia.

TABERNEIRO- Então não é uma fedúncia um garoto com dezassete anos já andar a pensar em sindicatos ? Aí tens porque é que ele pode perder o emprego. Não foste tu que lhe encontraste um papelinho escondido na bainha das cuecas com coisas políticas? Ora, toma, que é para saberes o filho que estás a criar.

MULHER - Um papelinho daqueles até se acha na rua.

TABERNEIRO- E esconde-se nas cuecas.?

MULHER - O rapaz não é estúpido. Viu que aquilo era prigo e guardou-o em sítio seguro. Onde é que está a fedúncia? E quem trabalha não tem obrigação de se meter num sindicato ? Só faltava essa! Agora és da Legião?

TABERNEIRO- Não sou, mas, se calhar, não perdia nada...

MULHER - (com ódio)- Nunca mais me vias os dentes...

ENCARAM-SE de frente. O taberneiro pega num copo grosso, mas não chega a atirar-lhe com ele. Acaba por sair com um pontapé num banco.

DIAS DEPOIS....

A taberna continua deserta. Mais uma vez, curvado sobre a gaveta, o taberneiro faz as contas ao movimento do dia.

PAISANO- (entrando) - Ora, boa noite!

TABERNEIRO- (entre a cólera e o temor) - Boa noite.

PAISANO - (sempre afável) - Então ? Que tal vai o negócio ?

TABERNEIRO- Lá vai.

MULHER - (aparecendo com um saco de ir às compras) - Vou a casa da Emília.

TABERNEIRO- A esta hora ?

MULHER - Não pude ir antes. Apanho o autocarro e vou num saltinho. Não demoro.

(SAI)

TABERNEIRO- (Esperando que a mulher se afaste)- Foi o senhor que telefonou para aqui na semana passada?

PAISANO - Não . Eu não. Que telefonema foi esse ?

TABERNEIRO- Foi a minha mulher que atendeu . E foi voz que nunca ouviu

PAISANO - Se tivesse sido você a atender, via logo que a voz não era a minha.

TABERNEIRO- Sei lá... Nos tempos que correm...

PAISANO- Mas qual é o problema ?

TABERNEIRO- Perguntavam se o meu filho ainda não tinha perdido o emprego. Por amor de Deus! Não lhe façam isso! Com a idade dele, não torna a arranjar trabalho antes da tropa. E o lucro disto mal dá para a bucha. Ele é quase o nosso amparo.

PAISANO - O meu amigo, os tempos só correm mal para quem não tem juízo . É quem não tem juízo está sempre em tempo de o arranjar. Tenha você tento na bola e verá como a vida se lhe en-direita.

TABERNEIRO- O senhor é da fábrica ?

PAISANO - Não . Mas conheço lá gente bem colocada.

TABERNEIRO- Se calhar, conhece o que veio cá ontem...

PAISANO - Talvez, talvez... Que é que ele veio cá fazer ?

TABERNEIRO- Perguntar-me se eu queria vender a baiúca. Cento e setenta contos batidos em troca da assinatura. A minha mulher correu logo com ele. A oferta não é má. Mas de que é que nós íamos viver no resto da vida? E cento e setenta contos para que dão nos dias de hoje ? É certo que isto não vale ma

is. Mas a casa é minha! Só morto é que me arrancam daqui! Ele também falou nas leis e no interesse nacional, Por isso é que eu perguntei se o senhor é da fábrica.

PAISANO - Vamos lá ver isso melhor. Em primeiro lugar, há sítios mais bem afreguesados para montar um negócio destes. Em segundo lugar pode ter-se aqui um negócio e outro noutro lado. Em terceiro lugar - bote aí mais um brande - (o taberneiro obedece), em terceiro lugar, como ia dizendo, este negócio pode muito bem vir a ser do interesse nacional. Em quarto lugar, quem tem juízo é que se governa. Vejamos, eu não sou uma pessoa muito importante, mas estou em condições de pôr em marcha qualquer

uma destas alternativas. Fiz-me compreender?

TABERNEIRO- Não, senhor.

PAISANO- (esvasiando o cálice dum trago) - À hora do almoço e depois das sete, pára por aqui muito pessoal da fábrica, não é verdade ?

TABERNEIRO- É, sim, senhor .

PAISANO - Aí tem um dado da questão. Vejamos outro aspecto. Já falou com o seu filho por causa do sindicato?

TABERNEIRO- Já, sim, senhor. O rapaz não quer nada com essas coisas.

PAISANO - Não ? Isso é mau.

TABERNEIRO- É mau? Então, não percebe .

PAISANO - Percebe, percebe. Bote lá mais um. (o taberneiro obedece).

Depende de si esta taberna desaparecer daqui ou não. De facto, os interesses da grande indústria nacional são os interesses da nação. Não há dúvida de que este bocado de terra faz muita falta aos planos de crescimento da fábrica. E mais: uma fábrica destas é suficientemente importante para mandar fazer uma lei.

TABERNEIRO- Mas só depois de morto é que me arrancam daqui.

PAISANO - Isso é o que lhe parece. Se for preciso, sai daqui mais vivo do que cabrito montês e até vai passar uns tempos em hospedagem gratuita. Mas não precipitemos as coisas. Eu, por exemplo, sou homem para o pôr à frente dum bom restaurante em Lisboa. Mais: se você for um tipo fixe, até pode ser dono dum bom restaurante, dentro de três ou quatro anos. Tudo depende de si e do seu filho.

TABERNEIRO- Caramba! Explique-se lá melhor ?

PAISANO - É fácil. O seu filho quer subir na vida? Muito bem! Deixa-se andar por essas coisas dos sindicatos e entende-se comigo, ou melhor, ele não precisa sequer de me ver. Conversa consigo e você conversa comigo. O seu filho quer afundar-se na vida ? Também é fácil. Não se entende conosco! A gente sabe no que ele anda metido. Vamos buscá-lo, arrancamos-lhe as unhas, deixamos-lo estar uns anitos à sombra e depois mandamos-lo para casa. Trabalho é que ele não volta a arranjar, porque não há patrão com quem a gente não possa chegar à fala. É agora ? Entendeu ?

TABERNEIRO- Sim, senhor. O senhor é da secreta ?

PAISANO - (esvasiando o cálice dum traga) - Bote lá mais um. (o taberneiro obedece) Passemos adiante. Tem alguma ideia do que pode acontecer a quem levou um caixote de granadas a casa dum major ?

TABERNEIRO- Não, senhor .

PAISANO - Bem, há muito quem tenha desaparecido por bem menos. E, se não desapareceram, pelo menos a família não sabe deles.

TABERNEIRO- Mas eu estava inocente.

PAISANO - QUANTO a isso, mais calma. Quem sabe de inocências somos nós. Passemos adiante. Se você tiver juízo, dá um saltinho a uma casa que eu lhe indico em Lisboa, duas vezes por semana, durante um mês ou dois . Não é para nada de especial. É só para aprender umas regrinhas.

TABERNEIRO- E depois ?

PAISANO - Depois é fácil. É só ouvir a conversa do pessoal que pára por aqui e conversar depois conosco. Repare neste pormenor que é importante: além da taberna continuar nas suas mãos, cada serviço tem o seu preço. Há informações que pagamos a conto de ~~réis~~. *réis*.

(esvasia o cálice dum trago)

TABERNEIRO- Mas ao meu rapaz não fazem mal ...

PAISANO - Que ideia... bote lá mais um.

TABERNEIRO- (obedecendo) Mas garanto-me isso ?

PAISANO - Claro que garanto. Ele até se pode entender conosco e, então, é só subir, subir, subir na vida , como gente grande. Há administradores de grandes empresas que começaram assim. Subiram pelas nossas mãos.

TABERNEIRO - Administradores?!

PAISANO - Beba um comigo.

TABERNEIRO (Obedecendo) - Caramba! Administradores...

Volta a encher o cálice do paisano.

PAISANO - Quem telefonou para aqui foi um colega meu. O seu rapaz não anda metido em bons assados. Se eu não me tivesse mexido hoje, tinhamo-lo há ^{algumas} horas ^{atrás} das grades.

TABERNEIRO - Não me diga!

PAISANO - É verdade. Às vezes as coisas passam por muitas mãos. Mas, se ele quiser, isso até lhe pode ser útil. É uma questão de continuar... e vir conversar connosco de vez em quando. Foi, de resto, o que eu prometi aos meus superiores. Arrisquei a minha carreira por causa dum rapaz que nem sequer tenho nas mãos. Bem, se eu tivesse de vingar-me, também não queria estar na pele dele... Sabe, no meu trabalho, asneiras destas pagam-se caras. Às vezes custam o pescoço. Dar safa a um malandro que ~~trabalha~~ ^{trabalha} para a subversão é pior, muito pior do que ser subversivo como é o seu rapaz. Bem, mas as perspectivas não são más. Depende de si.

TABERNEIRO - Então eu não havia de querer o bem do meu filho?

PAISANO - Quer dizer que estamos entendidos?

TABERNEIRO - Estamos, sim, senhor.

PAISANO - Venha então a coisas concretas. Se a sua mulher se desse bem connosco, a gente até lhe mantinha esta baiúca e lhe montava outra num lugar que desse mais lucro. Numa proximidades doutra fábrica, por exemplo. Ou num bairro operário. Que é que você diz da sua mulher?

TABERNEIRO - Não é de fiar. Tem muita língua. O pai era republicano assanhado. Deu-lhe má escola.

PAISANO - É pena. Passemos adiante. Não. Antes de mais nada, fica já uma coisa assente. A sua mulher não pode nem cheirar estas coisas. Entendido?

TABERNEIRO - Sim, senhor. Caía o carmo e a trindade.

PAISANO - Agora o que você tem é de meter-se menos na batota. Um homem, quando perde muito dinheiro, não fica com a cabeça muito fresca para topar bem os marionetas. De acordo?

TABERNEIRO - De acordo. Está na hora de eu começar a ter mais juízo.

PAISANO - (Lançando uma curta mirada pela taberna) - Se isto fosse mesmo muito importante para a fábrica, você podia ceder o terreno

e tomar conta da cantina; Garanto-lhe que dá lucros bem maiores.

TABERNEIRO - Não. Nessa não caio eu. Isso é terra firme. À menor coisa, dão-me um chute no sim-senhor e eu fico a ver navios.

PAISANO - Olá! Estou a gostar. Há miolos nessa cabeça. Bem observado, sim, senhor. A tubarões daqueles não há polícia que resista. Até mudam o ministro, se for preciso. Está-me cá a parecer que temos homem, hem?

TABERNEIRO - É como vê.

PAISANO - Mas não fique a pensar que me apanhou de surpresa. Quando a gente se decide a contactar um fulano para estas coisas, é porque já o estudou bem. Já sabemos os seus fracos, os seus fortes, os seus compromissos, etc. Nunca levamos sopa nestas coisas. Só batemos à porta de quem oferece garantias. Percebeu? Bote lá mais outro.

TABERNEIRO (Obedecendo) - Mas o meu filho... É tão novito...

PAISANO - Calma aí. Há muita maneira de matar pulgas. Quer saber uma coisa? Esse tem um grande futuro à sua frente. Você gosta lidar com clientes? Gostava que o seu filho lidasse também com uma boa clientela? Nada é impossível. E isso depende mais de si do que dele. Porque é que você não há-de manter-se nesta chafarica e ser o dono dum bom restaurante na zona da universidade, por exemplo? Aí está uma clientela que o rapaz gostará de atender. E com dois lucros! Aquelas cachopas...

TABERNEIRO (Esfregando as mãos) - É uma ideia, é uma ideia, é uma ideia...

PAISANO - Mas uma coisa dessas é preciso merecê-la. Bote lá mais um. Caramba, a sua mulher está-se a demorar...

TABERNEIRO (Obedecendo) - É o que eu lhe digo. Muita língua.

PAISANO - Não faz mal. Estamos assim mais à vontade.

TABERNEIRO - Claro, claro. Caramba, o senhor repara em tudo... (Bebendo também) Desde que o meu rapaz não seja incomodado...

PAISANO - Quem tem juízo não tem precalços. Você não será capaz de lhe explicar isto?

TABERNEIRO - Sei lá... O meu rapaz é bem lançado de cabeça mas é capaz de não gostar muito destas coisas. Esta juventude de agora...

PAISANO - Nós até somos capazes de pôr um pardal a cantar de cuco. Imagine. Portanto, não se preocupe com o seu rapaz. Olhe, nós até somos capazes de convencer o seu cunhado a não o chatear muito com as contas.

TABERNEIRO - O quê?

PAISANO - Nós temos métodos para o seu cunhado e métodos para o seu filho. Mas já vamos falar disso. Vejamos antes outro aspecto: (Dando-lhe um cartão) - Você aparece ~~nesta~~ ^{nesta} nesta endereço todas as terças e quintas às sete da manhã.

TABERNEIRO - Tão cedo?

PAISANO - Dá menos nas vistas. E não se preocupe com o madrugar. É coisa para um mês. Dois, no máximo. Mas não deve chegar a tanto. Você tem boa cabeça. É só aprender umas regras e dar provas de confiança. Bem, meu caro, nestas coisas é preciso dar provas de confiança todos os dias. Por um engano perde-se a cabeça.

TABERNEIRO - Eu sou um homem honrado. Nunca enganei ninguém.

PAISANO - Então também não nos vai enganar a nós. Desses é que nós gostamos. Outra coisa: de princípio não pagamos ao mês. É um tanto por cada informação. Se for caça grossa, até pode valer dez contos. Há muito quem tenha recebido taludas destas. Atire-se para a frente. Quem não procura não encontra. E agora vamos ao caso do seu rapaz. Ele sabe a história do caixote das granadas?

TABERNEIRO - Sabe, mas numa maneira um bocadinho diferente do que aconteceu. Dei-lhe sempre a entender que estava dentro da intenciona e que me saí, por ser mais regulado do que os outros.

PAISANO - Bem, meu caro, a partir de agora, não precisa de jogar à defesa. Há mais de um mês que eu sei exactamente como isso acontecer. A partir de agora, fingir ou ocultar é um risco que eu estou muito longe de lhe aconselhar.

TABERNEIRO - Como é que souberam das minhas contas com o meu cunhado?

PAISANO - Temos olhos e ouvidos em todo o lado. Até na França. Mas aproveite-se aprenda já outra regra. A sua curiosidade deve voltar-se para fora. Nunca para dentro. Percebido? Voltemos ao seu rapaz.

TABERNEIRO - Desconfio que ele tem um certo orgulho em mim, por causa das granadas.

PAISANO - Óptimo. O que é preciso é aguentar esse prestígio, mas agora *Taberneiro - Certo.* com outra moral. Uma moral patriótica. Certo?

PAISANO - Vamos a outra regra. O endereço que está nesse cartão é para decorar ainda esta noite. Amanhã de manhã esse cartão tem de estar queimado. Certo?

TABERNEIRO - Sim, senhor.

PAISANO - Estou cá a pensar num plano que pode ser o princípio duma grande carreira para o nosso rapaz.

TABERNEIRO - Sim? Bote lá.

PAISANO - Você precisa de prestígio nesta zona! Prestígio entre os vermelhos, percebe?

TABERNEIRO - Como é?

PAISANO - Ter um filho preso é uma grande cartada. Eles começam logo a bater-lhe à porta, a dar-lhe abraços, a trazer-lhe ajudas, enfim, a mostrar jogo.

TABERNEIRO - Oh, caramba, prender-me o rapaz, não!

PAISANO - Qual prender nem qual carapuça? A gente leva-o e até o manda fazer turismo por esse país fora. O que é preciso é constatar que ele foi preso.

TABERNEIRO - Ah, assim, acho bem...

PAISANO - Olhe, a primeira coisa a ^{acreditar} acontecer lá na fábrica é os tipos comprometidos com ele aparecerem todos doentes ao mesmo tempo. Ficamos logo a saber quem eles são.

TABERNEIRO - Doentes?

PAISANO - Com medo que o seu filho fale. eles põem-se logo em segurança. Só voltam ao trabalho, quando vêem que não há perigo. Muitos nem chegam a dar parte de doentes. É tal a aflição... Mas voltemos ao nosso rapaz. É preciso conquistá-lo para a nossa causa e, para isso, precisamos de lhe apanhar um ponto fraco.

TABERNEIRO - Um ponto fraco? Bem, ele gosta muito de ler. Dêem-lhe bons livros.

PAISANO - Ponto fraco não é nada disso. É saber coisas em que ele ande metido, conhecer pequeninos pormenores, para lho dizer na melhor altura. Ele fica convencido que nós somos os melhores do mundo e abre-se todo. É cá uma espécie de terror que dá uns resultados... É um golpe psicológico, homem. Ainda não percebeu?

TABERNEIRO - A mãe descobriu-lhe há dias um papelinho nas cuecas. Era um papel muito fininho com coisas de política. Olhe, ele encontra-se muito com a rapariga que nos traz o pão. Já topci isso muitas vezes. E não é namoro, nem nada que se pareça com isso.

PAISANO - Mais?

TABERNEIRO - Já soube duas vezes que ele comprou tinta, mas não fui capaz de descobrir onde é que ele a gastou. Bem, nas paredes

da fábrica já têm aparecido escritas daquela cor.

PAISANO - Mais?

TABERNEIRO - Por agora, não me lembro de mais nada.

PAISANO - Muito bem. Depois de amanhã, pelas sete horas, mais ou menos ao romper do dia, venho buscá-lo. Trago uns amigos e monta-se o aparato do costume; como que fosse a sério, hem? Levamo-lo e você dá toda a publicidade que puder ao caso. Entendido?

TABERNEIRO - Mas não o tratam mal?

PAISANO - Você ainda vem com disparates desses? Porra! Bem; veja lá se descobre mais alguma coisa. Já começou a ganhar. (Tira a carteira e põe algumas notas em cima do balcão.) Trezentos paus, hem? Preço de privilégio para quem começa a dá uns cheirinhos tão pequenos. Boa noite e olho vivo. Não se esqueça de queimar o cartão.

Sai.

TABERNEIRO - Boa noite. Não me esqueço, não. Ainda o queimo antes de me deitar.

Silêncio longo e pesado.

MULHER (Aparecendo dos aposentos interiores) - Este cliente continua a pagar bem.

TABERNEIRO - Levou umas garrafas. Por onde entraste?

MULHER - Por onde querias que eu entrasse? Mas não lhe vi nenhuma garrafas nas mãos...

TABERNEIRO - Não? Andas zarolha!

MULHER - Estás muito irritado. Aconteceu-te alguma coisa?

TABERNEIRO - Não. Que é que tu querias que acontecesse?

MULHER - Nada.

Sai.

A taberna continua deserta. Começa a amanhecer.

A impaciência do taberneiro atingiu o ponto máximo. Já dá pontapés nos bancos. De vez em quando vai consultar o despertador.

Quando a mulher aparece em combinação, encontra-o encavali-tado num mocho, espreitando pelo postigo envidraçado da porta exterior.

MULHER - Então? Hoje não te deitas? Ou estás à espera do cliente que levou as garrafas anteontem?

TABERNEIRO - Não tenho sono. Larga-me a braguilha.

MULHER - Se calhar foi doença que te deu.

TABERNEIRO - Boa doença me saíste tu.

MULHER - Ah, sim? Quem diria... Passei a vida a fazer-te caldinhos, quando saías da borracheira com o estômago derrancado. Não te lembras? Passei a vida a atender os clientes, quando roncavas na cama, bêbado como um barril. E eu é que te saí uma boa doença?

TABERNEIRO - Larga-me a braguilha, que hoje não estou para amar.

MULHER - Lá isso vê-se. Estão aí as sete da manhã e ainda não foste à cama.

TABERNEIRO - Não!

MULHER - Não o quê?

TABERNEIRO - Ainda não são sete horas!

MULHER - Ah, não? Deixa ver. (Consulta o despertador que está atrás do balcão.) Pealrente ainda não são sete. São sete menos três minutos.

TABERNEIRO - (saltando do mocho, irado e sem argumentos) - Não era melhor irer vestir-te em condições?

MULHER - Porquê? Vais abrir a tasca mais cedo hoje?

TABERNEIRO - Deixa-me em paz.

MULHER - Que paz é que te falta? Estás passado da cabeça, ou mordeu-te algum bicho mau?

TABERNEIRO - Já viste se o teu filho foi à cama hoje?

MULHER - Há muitas camas por esse mundo fora.

TABERNEIRO - E um rapaz da idade dele já dorme em camas alheias?

MULHER - Onde é que está o mal?

TABERNEIRO - Não sabes onde está? Pois eu sei!

MULHER - Então, deserbucha.

TABERNEIRO - Não é preciso. Pouco falta para abrires os olhos.

MULHER - Já os tenho bem abertos, há mais tempo do que julgas. O meu filho não dormiu cá esta noite nem dormirá tão cedo! Está bem seguro, percebeste? Nunca mais lhe pões os olhos em cima, percebeste? Malandro...

TABERNEIRO - (ameaçando) - Que é que tu estás a dizer, maldita?

MULHER (empunhando uma faca) - Vá, avança!

TABERNEIRO - Larga ~~isso~~! ~~essa faca~~!

MULHER - Tira-me das mãos, se és capaz!

TABERNEIRO - Não quero fitas a esta hora.

Volta ao mocho e espreita pelo postigo.

MULHER - Estás à espera de visitas, não é?

TABERNEIRO - Quais visitas?

MULHER - Pensas que eu não ouvi a tua conversa toda com o bufo? Pensas que não ouvi os telefonemas que recebeste e que fizeste? Pensas que não estou a par dos negócios todos em que te meteste? Patife...

TABERNEIRO - Desgraçada! Estragaste a nossa vida e a do nosso filho! Era tudo para bem dele!

MULHER - Para bem dele, entregá-lo àquelles carrascos... Para bem dele, mandá-lo para aquelas prisões... E, mesmo que fosse? Ias mandar outras pessoas para a cadeia! Degenerado...

TABERNEIRO - Quais prisões? O rapaz ia passear pelo país...

MULHER - Algum dia te passou pela cabeça que um rapaz tão bom como o nosso filho se metia numa desgraça dessas? Numa desgraça de ser bufo como tu e como há muitos? Ninguém lhe arrancava nada daquela boca. Acabavam por o matar, ou por o deixar estropeado para toda a vida. Não conheces já tantos exemplos? Não sabes como esses carrascos são? Não sabes como eles trataram alguns amigos do meu pai? Muitos foram mandados para Timor e nunca mais voltaram. Não sabes disso? Não sabes como fizeram àquella mulher da Cova da Piedade? Não ouviste dizer a tanta gente que a deixaram malucinha à beira do caminho de ferro? E eras capaz de entregar o teu filho a uma profissão dessas? Cão...

TABERNEIRO - (Vencido) - E agora? Como é que vamos sair desta desgraça? Eles devem estar a chegar...

MULHER - Vamos? Eu tenho alguma coisa a ver com os teus negócios?

TABERNEIRO - Estamos desgraçados! Nós e o nosso filho! A mim arrancam-me a pele. A ele cortam-lhe o pescoço. A ti...

MULHER - Não cortam, não. Por esta hora, o meu filho está longe e bem protegido. Se calhar, dormiu a noite inteira e nem sequer teve maus sonhos.

TABERNEIRO - ~~Como é que eu vou convencer~~ ^{convencei} - los... ~~los...~~

MULHER - Conta-lhes as revistas que passaste mais que uma vez à roupa ~~conta-lhes que~~ ^{conta-lhes que} ~~toda~~ do meu filho. Conta-lhes as horas que perdeste a ~~fare-~~ ^{fare-} jar os caminhos do meu filho nestes últimos dois dias. Conta-lhes os interrogatórios e as armadilhas que aplicaste ao meu filho. Ah, mas ele não estava em branco! Eu trazia-o avisado de tudo que tu fazias. Foi eu que lhe comprei a malita que ele levou. Foi eu que tirei daquela gaveta o dinheiro que ele tem no bolso por esta hora. Entre o meu filho e a rapariga do pão não havia namoro? Pois não. Mas, talvez um dia venha a haver. Estão ambos a salvo!

TABERNEIRO - Que é que eu hei-de dizer aos homens? Que é que eu hei-de dizer aos homens? Que é que eu hei-de dizer aos homens?

Pancadas na porta. A mulher repara na forma como está vestida e escapa-se para os aposentos interiores.

O taberneiro abre a porta quase prostrado. Entra o paisano.

PAISANO - Bom dia.

TABERNEIRO - vem sozinho?

PAISANO - O resto do pessoal está lá fora, para dar mais nas vistas. Já há movimento na fábrica.

TABERNEIRO - Que grande desgraça! O rapaz percebeu tudo e fugiu. Já cá não dormiu esta noite. E eu, por causa dele, ainda não me deitei. Sempre na esperança que ele chegasse e nada. Até este momento...

PAISANO - Para onde é que ele terá ido?

TABERNEIRO - Não sei. Levou pouco dinheiro. Se calhar foi para casa da tia, para Almada. Ou para casa do meu cunhado em Benfica. Não. Ele para aí não ia. Tinha medo que o fossem lá procurar. Talvez para casa do meu cunhado no Algueirão. Não. Para aí também não. Olhe, três cartas de três amigos. (Tira as cartas da algibeira e entrega-as uma a uma.) Este é de Caldas da Rainha. Tem aí o remetente completo. Olhe, todas têm. Esta é do Rogério, de Santarém. Esta é do Afonso, de Setúbal. Não pode estar em mais lado nenhum...

PAISANO - Como é que ele percebeu o que lhe estava a acontecer?

TABERNEIRO - Não sei. Não faço ideia. Se calhar, deu pela falta das cartas. Mas ele não deve estar longe. Levou setecentos escudos da gaveta. Era o que lá havia. Se calhar, ainda tem de os repartir com a rapariga do pão, que com certeza foi com ele. Mas não devem estar longe. Estão numa dessas casas, sem dúvida. Agarrem-nos. Não deixem o meu filho perder-se para a vida. Ele é muito novo e tem um grande futuro à sua frente. Agarrem-no. Ele não pode estar noutro sítio. Pode ser que vá para uma pensão nestes primeiros dias, mas não tem dinheiro que lhe dê para uma semana. Não tem outro remédio senão bater à porta da família ou dos amigos. Não tem mais família que o meu cunhado, a minha cunhada e o meu primo e compadre que vive no Algueirão. A não ser que os políticos o escondam. Por favor, encontrem-no! É preciso salvá-lo! Não lhe encontrei nada na roupa nem no colchão. Mas encontrei num livro escondido debaixo dum piso. Está ali na gaveta do dinheiro. Vá o senhor lá buscá-lo. Eu não sou capaz. (O paisano obedece) Persegui-lhe os passos todos. Teve dois encontros com a mesma pessoa ao pé do cais. Parece-me que é um tipo da fábrica. Já não me esqueço mais da cara dele. Quando voltar a encontrá-lo, vou atrás dele até saber quem é.

PAISANO (Vendo o livro) - A Mãe, de Gorki... O rapaz não começa mal... Bem, meu caro, não temos tempo a perder. Um dia destes, a gente conversa, para tirarmos isso tudo a limpo.

TABERNEIRO - Não quero o endereço do teu cunhado, da minha cunhada e do meu compadre?

PAISANO - Não ficámos à espera da sua oferta. Já lá temos gente por esta hora. Amanhã conversamos.

Sai, batendo com a porta. O taberneiro deixa-se cair sobre o balcão. Ouve-se o ruído de automóveis que arrancam em grande velocidade.

TABERNEIRO - Oh, meu Deus! Eles terão confiança em mim?

MULHER - (Aparecendo vestida com trajes domingueiros e duas malas pesadas) - Têm, têm. Descança. Já viram de que massa és feito.

TABERNEIRO - Sei lá se têm confiança em mim... Naquela vida, não se pode ter confiança em nada nem em ninguém.

MULHER - Com que então o meu pai deu-te má escola... Estou admirada contigo. Aprendeste depressa as regras todas. Bandido, não disseste mais. porque mais não sabias! Deste lugares que nem

o meu filho pensava que darias. Felizmente não deste o certo.
Mas só porque não sabes que ele existe. E não conquistaste
a confiança deles. Nem assim.
E isto é que me conforta.

Cospe e sai.

PANO

Lisboa entre 2 e 3 de Novembro de 1974